



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO BRASILEIRA -
UNILAB
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MANGA SANÉ

**A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NA LITERATURA DE BÂ, APPIAH, ABDULAI SILA E TONY
COSTA**

ACARAPE-CE

2021

MANGA SANÉ

A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NA LITERATURA DE BÂ, APPIAH, ABDULAI SILA E TONY
COSTA

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação no curso
Letras-Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientadora: Professora Dra. Andrea Cristina Muraro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Sané, Manga.

S212r

A representação da escola na literatura de Bã, Appiah, Abdulai Sila e Tony Costa /
Manga Sané. - Redenção, 2021.

40f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e
Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
Redenção, 2021.

Orientador: Prof^ª Dra. Andrea Cristina Muraro.

1. Educação - Guiné-Bissau. 2. Escola. 3. Literatura africana. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 370



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
Rodovia CE 060, Km51 , Acarape/CE, CEP 62785-000

ATA DE DEFESA DE TCC - GRADUAÇÃO

Processo nº 23282.011038/2021-27

Interessado: COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LIBERDADE

Aos 24 dias do mês de Agosto do ano de 2021, reuniu-se, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em sala virtual do Google Meet, no endereço: <https://meet.google.com/qig-eycs-rih>, a banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de graduação - **Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa**, composta pelas seguintes avaliadoras: ANDREA CRISTINA MURARO (**professora orientadora**), SUELI DA SILVA SARAIVA (**professora avaliadora**), MARIA AURINÍVEA SOUSA DE ASSIS (**professora avaliadora**).

Foi avaliado o trabalho do discente MANGA SANÉ, intitulado: “A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NA LITERATURA DE BÂ, APPIAH, ABDULAI SILA E TONY COSTA”.

Os trabalhos de apresentação e arguição foram iniciados às 15 horas. e encerrados às 17h01min. Após avaliação e deliberações por parte da Banca Examinadora, o trabalho foi considerado **APROVADO, com nota 8,5 (oito e meio)**.

Eu, ANDREA CRISTINA MURARO (professora orientadora) lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora

Deliberação da Banca:

A banca indica a necessidade de profunda revisão textual. E destaca a relevância do tema para pesquisas futuras sobre educação e literatura na Guiné-Bissau.

() Aprovado para entrega imediata, sem correções;

(x) Aprovado, necessitando de pequenas correções, devendo ser reapresentado em dez dias para o orientador;

() Reprovado.

SUELI DA SILVA SARAIVA

MARIA AURINÍVEA SOUSA DE ASSIS

Professor(a) avaliador(a)

ANDREA CRISTINA MURARO
Professor (a) orientador (a)

Redenção, 24 de agosto de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **ANDREA CRISTINA MURARO, PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR**, em 25/08/2021, às 08:40,

conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MANGA SANÉ, Usuário Externo**, em 31/08/2021, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **SUELI DA SILVA SARAIVA, PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR**, em 24/09/2021, às 12:16,

conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA AURINIVEA SOUSA DE ASSIS, PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR**, em 28/09/2021, às

21:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unilab.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0326209** e o código CRC **C9AA3639**.

A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NA LITERATURA DE BÂ, APPIAH, ABDULAI
SILA E TONY COSTA

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras
– Língua Portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Unilab – Campus dos Acarape.

Aprovado em: 24 de agosto de 2021

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Andrea Cristina Muraro (orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab

Profª Dra. Sueli da Silva Saraiva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab

Profª Dra. Maria Aurinívea Sousa de Assis

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DE HAMPÂTÉ BÂ E KWAME APPIAH	11
2.1 O Pensamento Eurocêntrico na Sociedade Guineense	17
3 O VALOR DA ESCOLA NA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA NAS OBRAS DE ABDULAI SILA	20
3.1 As visões sobre a educação pública guineense	27
3.1.2 Uma comparação educacional do período colonial e do pós-independência	31
4 UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA NA EDUCAÇÃO GUINEENSE, A PARTIR DA OBRA DE TONY COSTA	32
5 <i>PROMOÇÃO EDUCACIONAL E A INFRAESTRUTURAS NAS ESCOLAS</i>	35
6 A LITERATURA, OS VALORES CULTURAIS E AS ORALIDADES	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NA LITERATURA DE BÂ, APPIAH, ABDULAI SILA E TONY COSTA

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação da escola nas obras de Hampatê Bâ (2003), *Amkoullel, o Menino Fula*, de Kwame Appiah (1993), *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*, de Abdulai Sila (2011), *A última tragédia e Memórias SOMânticas* (2016), bem como de Tony Costa (2014), com o título *Ntin*. No subtítulo 2, analisamos através da obra de Bâ e Appiah, de uma forma sintética, o percurso desses escritores e a importância da escola na sua formação durante o período colonial, e a desconstrução de dito popular que desvaloriza a escola para as crianças, não só, mas também a transformação que a língua crioula tem sofrido pela elite guineense. Já no subtítulo 3, verificamos com mais precisão passagens dos romances de Abdulai Sila, demonstrando a presença da escola, e a falta de estrutura nas escolas populares, bem como a falta de professores qualificados na área, tanto no período colonial, quanto no período pós-independência; comparamos assim com a situação da educação na Guiné-Bissau atualmente. No subtítulo 4, acrescentamos uma breve análise da representação da escola na obra *Ntin*, de Tony Costa, já para no subtítulo 5, discutimos os valores da educação pela perspectiva da oralidade e a literatura escrita, de forma crítica voltada à situação em que se encontra a literatura guineense. Nas considerações finais, ponderamos sobre a importância da formação acadêmica de discentes na educação pública e a importância da literatura neste contexto, para que haja perspectivas de mudança num cenário futuro em Guiné-Bissau.

PALAVRAS-CHAVE: Guiné-Bissau. Educação. Escola. Literaturas Africanas.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the representation of the school in the works of Hampatê Bâ (2003), *Amkoullel, o Menino Fula*, by Kwame Appiah (1993), *In my father's house: Africa in the philosophy of culture*, by Abdulai Sila (2011), *The Last Tragedy and Somantic Memories* (2016), as well as Tony Costa (2014), with the title *Ntin*. In subtitle 2, we analyze through the work of Bâ and Appiah, in a synthetic way, about the path of these writers and the importance of the school in their formation during the colonial period, and the deconstruction of the popular saying that devalues the school for children, not only, but also, we analyze the transformation that the Creole language has undergone by the Guinean elite. In subtitle 3, we verify more accurately passages from the novels of Abdulai Sila, demonstrating the presence of the school, and the lack of structure in popular schools, as well as the lack of qualified teachers in the area, both in the colonial and post -independence period; we also compare it with the education situation in Guinea-Bissau today. In subtitle 4, we add a brief analysis of the representation of the school in the work *Ntin*, by Tony Costa, and in subtitle 5, we discuss the values of education from the perspective of orality and written literature, we critically analyze the situation that arises in Guinean literature. In final considerations, we consider the importance of academic training for students in public education and the importance of literature in this context, so that there are perspectives for change in a future scenario in Guinea-Bissau.

KEYWORDS: Guinea Bissau. Education. School. African Literatures.

RUZUMU: Es tarbadju tene suma objetivu, pa analisa representason di scola na tarbadjus di Hampatê Bâ (2003), *Amkoullel, o Menino Fula*, Kwame Appiah (1993) *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*, Abdulai Sila (2011), *A última Tragédia, Memórias SOMânticas* (2016), i na tarbadju di Tony Costa (2014), kitene suma titulu *Ntin*. Na subtitulu dus, no analizal ku tarbadu di Bâ i di Appiha, ku nbokadu di palabras, sobri ke kuta fala

di bida des scritoris, i bondadi di scola na se formason duranti tempu di colon, i pa tira keki djintis ta papia, kikata da balur di scola pa mininus, i ka son kila, ma tambi, no analisa sobri transformason ki língua krioul sta na sufri pa djintis garandis di tchon ku tene scola. Na subtitulu tris, no buska sibi ku tudo kalma sobri keki passa na romancis di Adulai Sila, pa mostra presentasa di scola, i falta di cumpu scolas pa populason, suma falta di pusoris pruparadus ki sta na altura na es area, i pa fala na tempu di colon, i suma na tempu dipus di colon; i no faci comparason tambi ku situason di educason na Guiné-Bissau di es tempo ki no sta nel. Na subtítulo kuaru, no buri analisa ku mbokadu di palabras sobri presentason di scola na tarbadju Ntin, di Tony Costa, pa subtitulu cinku, no combersa sobri educason ki vison pa entendimetu di oralidade/combersa i na literatura escrita, no analisa di manera critica na mbokadu di palabras, ki volta na situason atual na literatura guinensi. Na considerasons final, no fala sobri importânsia di formason di djintis ki tene scola na edukason publika i tambi sobri importânsia di literaturanes contextu, pa pudi tene vison pa entendimetu di muda pa senaru futuro Guiné-Bissau.

PALAVRAS DI TCHABI: Guiné-Bissau. Educason. Scola. Literaturas africanas.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho deseja contribuir para o tema da representação da escola analisando, a obra *Amkoullel, O Menino Fula (2003)* de Hampatê Bâ, *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura (1993)* de Kwame Appiah, *A última Tragédia (2011)* e *Memórias SOMânticas (2016)* Abdulai Sila (2011), e de Tony Costa (2014), a obra intitulada *Ntin*. Assim, o trabalho pretende dar as suas contribuições no reconhecimento de valores existentes na escola, de modo que, a escola transforma o indivíduo em todos os aspectos, forma de agir, expressar, tanto em termos da oralidade quanto de escrita, e de ver o mundo no seu todo.

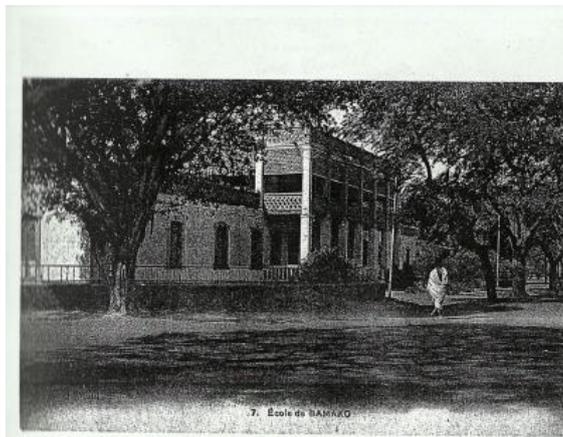
No que diz respeito à organização do trabalho, estudamos as obras de escritores Abdulai Sila e Tony Costa, e refletimos sobre a representação da escola e explicamos sobre alguns obstáculos relativos à nação guineense a não priorizar uma educação de qualidade aos cidadãos em geral, conforme veremos no *corpus: A última tragédia, Memórias SOMânticas e Ntin*. Não obstante, o trabalho também procura demonstrar os valores culturais, principalmente no que diz respeito à língua crioula e as demais línguas étnicas, pois, o crioulo – por exemplo - é uma língua que une todas as etnias na Guiné-Bissau.

Diante disso, tratamos também as obras de Bâ e Appiah, um diálogo entre textos. Suas obras fazem parte do *corpus* de nosso trabalho, porque discutem sobre identidades africanas, o papel da escola, por fim, sobre a cultura africana em geral, nada obstante, optamos por incluí-los no trabalho para dar mais ênfase ao impacto da questão colonial, deste modo, fizemos um estudo comparando as obras desses escritores, e depois voltando diretamente para contexto educacional guineense e da representação da escola na literatura de Abdulai Sila e Tony Costa, tentamos refletir para que possamos desenvolver uma comparação sobre o papel da escola na Guiné-Bissau, em diálogo entre obras e entre diferentes épocas, e optamos analisar a escola de dois períodos - do colonial e a educação pós-colonial, não só, mas também analisamos principalmente a trajetória de etnia fula e a sua cultura em termos da crença, e as atividades rituais que culminam numa aprendizagem popular.

2 O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DE HAMPÂTÉ BÂ E KWAME APPIAH

Em primeiro lugar, apresentaremos Amadou Hampâté Bâ, escritor de família humilde, nascido em 1900 em Bandiagara, em uma das regiões das savanas da África do oeste, no atual Mali, antigo Império do Mali. Foi educado na religião islâmica. Formou-se em administração colonial francesa, mestre da transmissão oral e especialista nos estudos de sociedades negro-africanas das savanas. Bâ participou na Conferência Geral da Unesco, e depois em 1962 e 1970 foi membro de Conselho Executivo, produziu e publicou ao longo da sua trajetória inúmeros trabalhos, entre eles *Amkoullel, o menino fula* e o ensaio *Tradição viva*. Como estudioso, desde o período colonial, defendia veementemente a tradição africana.

Bâ fazia parte da etnia fula de Mali, e escreveu o livro *Amkoullel, o menino fula* (2003), em francês, que está traduzido para a língua portuguesa. Em algumas imagens da sua obra a seguir apresentadas, nota-se a ilustração de um mercado onde se faziam negócios, e, outra mostra a escola profissional de Bamako, onde os alunos foram proibidos a falar línguas étnicas da sua terra.



Escola Profissional de Bamako. (Mali 1920-1922)

"A Escola Regional de Bamako, situada na praça da República, era dirigida pelo Sr. Séga Diallo, professor diplomado pela Escola Normal, cuja severidade só era comparável a sua competência pedagógica sem par, alvo da admiração de todos os professores europeus..." (pág. 311)



Bamako - o mercado. (Fortier/CCF 1906-1907)

"Das onze às catorze horas, estávamos livres. Ia comprar no mercado ou na loja Maurer um pedaço de pão por dez centavos e uma lata de sardinha por cinqüenta. Era esse meu almoço." (pág. 312)



Na obra, Bâ especificou em detalhes quando os colonizadores franceses entraram no território maliano e se apropriaram a terra, também com intenção de mudar tudo o que eram costumes do povo maliano, por exemplo, culturas, e os costumes, isso quer dizer era para convencer os habitantes que a escola, no modelo francês de colonização, era o único caminho para desenvolvimento de um país, fomentaram que são donos de razão, mas lançando a pedra e esconde a mão, e que podem mudar a forma de ser de um povo para um estado melhor, mas a maioria do povo maliano era de religião muçulmana, e acreditava que “o caminho mais rápido para o inferno, era ir para escola dos brancos” (BÂ, 2003, p. 209), assim, muitas pessoas optavam por vender os seus gados para negociar com professores, a fim de aplicarem o resgate aos seus filhos da escola para casa, motivo que podia levar um aluno a ser dispensado de ir à escola de uma vez para sempre.

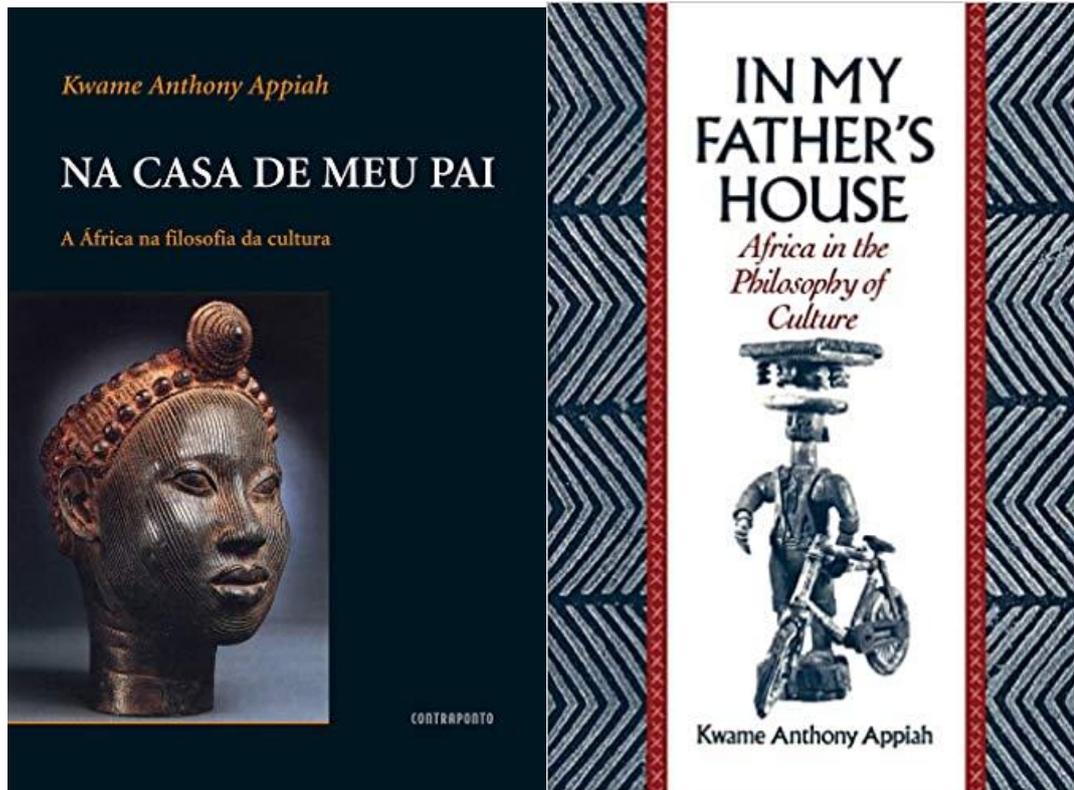
Também, pretendemos refletir e analisar a obra de Kwame Anthony Akroma-Ampim Kusi Appiah, nascido em Londres em 1954, criado em Gana, um país que se situa no Golfo da Guiné, concretamente na África Ocidental. Appiah doutorou-se em Filosofia pela Universidade

de Cambridge em 1982. Lecionou na Universidade Yale, Cornell e Duke, e foi o titular de estudos afro-americanos e de filosofia na Universidade de Harvard. Publicou centenas de artigos em revistas especializadas e 22 livros, entre eles, *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*, considerado uns dos seus livros mais relevantes, depois de sua publicação em 1993.

Recebeu o prêmio Annisfield-Wolf. quanto pelo aspecto intercultural, também discutiu veementemente, sobre ideias africanas, norte-americanas e europeias, dando as suas contribuições ao povo africano, descortinando os mecanismos europeus, para libertar das falsas ideias incutidas nas elites africanas. Appiah criticou sobre a ideia de raças humanas presentes no pensamento europeu e norte-americano, no que diz respeito à origem do Pan-africanismo. O filósofo também defendeu a forma como foi construído a tentativa de uma identidade africana que levou a minimizar a enorme diversidade cultural do continente e que se esconde a influência que os intelectuais negros engajados nesse movimento, desde já, que as ideias dominantes nas Europas e nas Américas¹.

Durante a nossa leitura feita na obra de Appiah, descobrimos profundas críticas feitas por ele, por exemplo, como o caso das elites assimiladas, quer dizer que para o escritor, se nota na fala de muitas elites que já se identificaram como sendo europeus, ou americanos que sejam, isso porque sabem falar francês, português, ou inglês bem, neste caso tentam pronunciar como se fosse europeus ou americanos que sejam, preferem errar quando falam suas línguas maternas, mas não as línguas de colonizadores. Para Appiah, essas pessoas têm a mesma mente colonizada quanto aquelas que tentam se embranquecer, que não se ficou com orgulha da pele negra que possuem biologicamente, para o autor, são as pessoas perdidas em seus atalhos. Mas também entendemos que Appiah defendeu veementemente a tradição africana no seu todo.

¹ As informações elencadas se encontram na orelha das obras de Appiah, 1997 e Bâ, 2003, citadas nas referências bibliográficas deste trabalho. No caso de Appiah, também, disponível em <http://appiah.net/>



As capas da obra de Appiah, à direita é o livro original escrito em inglês, ao passo, que a capa à esquerda é o livro traduzido em português.

Por esse motivo, o trecho a seguir retirado, de agora em diante, uma passagem no mesmo livro intitulado *Na Casa de Meu Pai* que disse seguinte:

[...] a história do mundo é a história, não de indivíduos, mas de grupos, não de nações, mas de raça. (...) Que é uma raça, então? É uma vasta família de seres humanos, em geral de sangue e língua comuns, que lutam juntos, voluntários e involuntariamente, pela realização de alguns ideais de vida, mais ou menos vividamente concebidos; (p. 54).

Compreendemos, na explicação de Appiah, de que a África quer saber se governar, a não ficando à espera a decisão saírem de fora para que possa tomar o seu rumo, e que África é para os africanos. Deste modo, isso não significa proibição de entrada dos estrangeiros para África, mas sim, deixar África ser livre e independente em si, uma África que sabe resolver os seus problemas internos sem a interferência externa. Formação de jovens, financiamento economicamente para o desenvolvimento da mesma, faz parte de ajuda para desenvolvimento da África.

Constatamos que cada um destes autores frequentou a escola de uma longa história com persistência, por exemplo, segundo Bâ (2013), no contexto da cultura maliana, podemos averiguar que algumas etnias, como a fula, considerava os seus filhos que iam para escola, eram

uma grande perda para a família, pois para eles, a religião muçulmana não permite um filho de muçulmano estudar na, que era denominada como ‘*escola dos brancos*’ na época, da outra sorte, para colonizadores, a escola era obrigatória para todos os filhos de colonizados. Em outras palavras, podemos concluir que muitas etnias não queriam deixar os seus filhos irem para escola, respeitando alguns preceitos recomendados pela religião islâmica e a cultura dos muçulmanos, nesta situação, segundo Bâ, ele constata que:

[De volta a Bandiagara, no Mali.] pensava que ia retomar as minhas atividades habituais, mas pelo contrário, fui arrancado de uma forma abusiva nas atividades tradicionais, e que sem dúvida me teriam conduzido para uma carreira clássica de marabu-professor, porém fui levado à força para ‘*escola dos brancos*’ que era considerada então para a maioria dos muçulmanos como o caminho mais rápido para entrar no inferno! (p. 209).

É importante ressaltar que na época colonial, os colonizadores visitavam a cada membro da família para registrar as crianças que estavam na altura para enfrentar a escola, a fim de lhes matricular para estudar, neste processo, todas as crianças que se fossem registradas para irem à escola, era obrigatório cumprir a ordem, a não ser que os pais apresentassem forte motivos que poderia excluir o filho de ir a escola, segundo Bâ, “*havia vários motivos possíveis para exclusão: doença física, mental, ou indisciplina etc.*” (2003, p. 226). Neste caso, os colonizadores queriam que as crianças estudassem, por outro lado, para expandir a língua francesa, a cultura francesa, a religião cristã.

E, para que as crianças estudassem e compreendessem bem a língua francesa, não só, mas também para que pudessem falar, escrever e ler fluentemente a língua francesa, isso significa que os colonizadores obrigavam tanto na aprendizagem das crianças para que pudessem ter intérpretes e substitutos nos seus planos de exploração dos países africanos posteriores, mas era nada de querer ajudar no desenvolvimento dos mesmos, também foi o que aconteceu com a Guiné-Bissau durante o período colonial.

Para Bâ, com o tempo, percebeu que a escola é muito importante, tal qual o marabu (é a escola de alcorão na qual se passam os filhos de muçulmanos para estudar, a fim de aprenderem a língua árabe, saber como adorar, respeitando os preceitos e cinco pilares de Islão, aliás, a fim de conhecerem bem o livro sagrado de Deus, alcorão) como podemos verificar a seguir, quando ele foi obrigado ir para Uagadugu, capital de Burquina Fasso, com finalidade de trabalhar como estagiário remunerado, e quando os marinheiros estavam todos preparados para embarque no navio, com seis remadores e escoltas atrás dele, disseram para ele ‘*senhor patrão*’, e ele exclamou: ‘*todos marinheiros já estão prontos, esperando a sua ordem para a partida*’,

assim acabou de perceber que ele já era uma outra pessoa na sua vida, ‘-agora sou um Senhor Patrão!, disse ele’ (2003, p. 342).

O momento em que Bâ foi chamado de “Senhor patrão” pelo segurança, a expressão na época só poderia ser chamado às pessoas de alta categoria que tinham a escola, e que trabalhavam ao lado de colonizadores franceses, de qualquer das formas, a expressão identificava as elites na época colonial, pois, ele percebeu que a escola mudou a vida dele para sempre, embora sendo oprimido a realizar uma missão sem a vontade dele e da família, mas na altura sentia que já era uma pessoa valorizada, e se tornou um trabalhador remunerado com um valor razoável, sendo assim, se não fosse a escola, ele não teria tratado de tal forma, porém para salientar que o chamamento de “senhor patrão” não era de boa intenção, porque ele era oprimido a fazer o que os colonizadores queriam, e não foi da sua própria vontade.

Vejamos mais um exemplo, [logo no início das aulas], Bâ explica que, nem sabiam falar, quanto mais escrever em francês, foram aplicadas uma lei que obrigava todo mundo a falar o francês, nas lições que administravam, nem havia traduções nas línguas locais. Mas quando o seu professor pronunciou duas palavras ‘tagarelice’ e ‘à babilleer’, e que significa em francês ‘falar sem parar e sem assunto’, pelo contrário em língua bambara, foneticamente, significa ‘a parte íntima das mães deles’ (2003, p. 228).

No momento dessa explicação, quase a maioria dos alunos na turma caiu na gargalhada, logo o professor - perguntou ‘por que toda a turma está rindo de mim?’ um aluno resolveu responde-lo e disse ‘perdão Senhor, eu queria dizer que, as duas palavras últimas que você pronunciou, em bambara significa um grande insulto que nós não merecemos’ (p. 230), quando lhe explicaram o que significa as duas palavras, o professor ficou abalado, pedindo desculpas aos seus alunos. Também, acabamos de entender que a língua de um determinado povo, faz parte da sua cultura, é nela que aparecerá o valor de cada povo.

Por outro lado, ancestralidade das fulas, a origem da etnia fula, para Bâ é muito complexo para explicar, pois não há uma exata explicação para essa origem. Em outras palavras de autor, “se a pergunta é fácil de formular, a resposta já não o é” (p. 24). Porque o povo da etnia fula há muito tempo vive em transumância, ou seja, nômades, pois mudavam de um lugar para outro mais distante, procurando diferentes lugares onde podiam sobreviver junto com os seus gados, o principal objetivo era para que os seus rebanhos se alimentassem de ervas e para que sobrevivessem de uma forma bem saudável, sendo assim, os ancestrais da etnia fula, percorriam toda a África savanas, ao sul do Saara entre o Oceano Atlântico e Oceano Índico

durante milênios, durante esta transumância houve várias miscigenações com outros povos, dessa maneira, é muito difícil determinar a origem da etnia fula.

2.1 O Pensamento Eurocêntrico na Sociedade Guineense

Para refletir bem sobre elites guineenses, vai-se notar nas suas falas, que se consideram que as línguas de colonizadores são mais belas de que qualquer uma das suas línguas maternas que existem no país, por exemplo, uma pessoa que fala só a sua língua materna, não é bem recebida, aliás, não será privilégio nas instituições guineenses como a outra pessoa que fala bem uma das línguas de colonizadores, porque quando uma pessoa culta falando a língua de colonizadores entrar, ela vai ser recebida com a urgência, a fim de resolver o seu problema mais rápido possível, deixando ao lado a outra pessoa que não sabe falar uma das línguas de colonizadores.

Isso significa que, são admiradas as pessoas que falam as línguas estrangeiras de que outra que só fala a sua língua materna, tudo isso, também indica que, as elites guineenses tem a mente colonizada que desrespeita a sua própria identidade, a sua cultura, a sua pele, a sua raça em si. Isso se nota até na língua crioula, que hoje em dia, está sendo modificada pelas elites guineenses, usando as palavras de colonizadores na língua crioula, mostrando que já são as pessoas cultas, letradas perante os outros que não são, essa postura hipócrita, está dirigindo a sociedade, para minimizarem o que é natural nas suas vidas. Pois para a salientar que tentam exaltar a cultura vinda dos colonizadores colocando ao lado a sua verdadeira cultura. Por esta razão, se nota de uma forma clara no relato de Appiah (1997), dizendo que: “Apesar [de] Crummell, [ser] considerado como uns dos pais do nacionalismo africano, ele não duvidava que o inglês era a língua superior às ‘várias línguas e dialetos’ das populações nativas africanas, superior em sua eufonia” (p.19). A visão do sacerdote Crummell era de século XIX, entretanto decorrido mais de um século, quase toda a África é governada em [inglês], “francês, árabe ou português” (p. 19).

Através do relato de Appiah, podemos fazer uma comparação da sua fala com a situação atualmente das elites guineenses, na Guiné-Bissau, notamos que na sua maioria instigam sociedade a pronunciarem de forma como falam, e para que a sociedade preocupe a pronunciar bem a língua de colonizador mais de que as suas línguas maternas, mostrando, que podem pronunciar bem as línguas de colonizador e que são letradas, isso passou a ser visto até

na língua crioula, por exemplo, nota-se quando as elites falam crioulo usando o verbo (*estar*) imperfeito -conjugação (*estava*) de português substituindo o verbo imperfeito em crioulo que deveria ser conjugado - (*n'ataba*), mas passou a ser conjugado de crioulo portuguesado por (*n'steve*), tentando conjugar o verbo como se fosse o português, veja a frase a seguir em português: *Eu estava no local onde aconteceu o acidente*. As elites guineenses modificaram a frase esta forma em crioulo: *Amin n'steve lá wotcha ki acidente na acontece*. Esse é uns dos exemplos que aplicamos para tirar conclusão da nossa afirmação.

Quando analisamos este verbo que sofreu alteração por elites, notamos que o radical do verbo em crioulo mante a sua forma, e no seu uso natural, mas a sua vogal temática “a” e desinência de modo temporal “ba” foi alterada por simulação em português, isso quer dizer que o indivíduo está se classificando como uma pessoa letrada, e que a sua postura é de assimilação em termos acadêmicos. Durante a nossa análise, descobrimos também que, quando alguns intelectuais pretendem dizer em crioulo “*fabur di Deus*” sempre passam alteram a forma, e sempre usam a forma portuguesada “*graças a Deus*”, e outra forma que nos chamou atenção é seguinte: quando deveriam dizer em crioulo “*es i nhã fidju*”, agora passou a ser substituído a forma quase em português, “*es i nhã filha*”, desta maneira, passa trocar a palavra “*fidju*” para “*filha*”. Outro exemplo, quando pretendam dizer “*es i nhã pape / es i nhã mame*”, passam a mudar a forma de falar para “*es i nhã velho / es i nhã velha*”, note que as duas palavras em crioulo (*pape*, e *mame*), com isso, as duas palavras já sofreram mudança de forma portuguesada, esses exemplos mostram quanto a língua crioula está sendo assimilado em português pelas elites guineenses, mostrando a superioridade perante os que não foram para escola e também isso mostra o quanto a elite guineense tem estado a ignorar os valores culturais, abraçando tudo o que vem de colonizadores.

Mesmo assim, elite guineense não pode pronunciar o português como se fosse um nativo português pronuncia no momento da fala, sempre haverá sotaque na fala que vai lhe identificar. Deste modo, para salientar o que foi discutido anteriormente, é que essa postura leva elite guineense sobrepor aos outros cidadãos que não sabem falar o português, ou sobre os que só sabem falar as suas línguas maternas, se compara ao relato de Appiah, afirmando seguinte que:

Na África francófona, existem elites que falam francês melhor do que qualquer outra língua materna, além disso, falam um tipo de francês particularmente próximo, na gramática, mas que nem sempre no sotaque, da língua franca metropolitana. Mas mesmo assim, o francês não dominado por maioria (p. 19-20).

Se as elites desvalorizarem as suas culturas, as suas línguas, as suas raças, quem vai valorizar os seus valores culturais? Não vai ser possível uma elite se tonará um europeu no seu contexto geral, porque existe uma naturalidade nele que é imutável, não deveriam se enganar pensando que um dia vão europeus por completo, deste modo, pode existir a aparência nas algumas coisa, mas não implica que se vai mudar de A ao O, levando em conta desde sangue, na língua, na pele, no sotaque etc. lembrando que as línguas de colonizadores têm menos números de falantes de que quase todas as línguas étnicas na Guiné-Bissau, em razão disso, são partes mais sensíveis no ser humano. Levando em conta o relato de Appiah a seguir:

Quando o profeta Jeremias perguntou ‘se pode um etíope modificar sua pele’ ou um leopardo, suas manchas? (Jeremias, cap. 13, v. 23), a sugestão de que a pele escura herdada pelos africanos era algo que eles não podiam alterar não implicava, necessariamente, que a ‘natureza’ dos africanos fosse inalterável em outros aspectos, ou que eles inevitavelmente herdassem traços morais ou intelectuais especiais juntamente com a cor da pele; (p. 31).

Neste sentido, particularmente falando de identidade guineense, percebemos que quase toda a população adquire a sua língua materna bem aprofundada com uma idade bem avançada antes de aprender bem falar o português na escola, alguns aprendem mais ou menos três línguas antes de aprenderem falar o português, apesar disso, a criança que adquire a sua língua materna profundamente avançada na fase de adolescência, já mais esquecerá falar totalmente aquela língua, ainda bem que a criança aprende a língua no momento que a sua mente estava muito mais fértil e sensível, e percebemos que a mente de uma criança que aprende algo, com certeza adquire o conhecimento muito profundo com mais segurança.

E, quando a criança for aprender uma outra língua, muita das vezes há que haver a interferência da língua materna tanto na sua fala quanto na escrita, em função disso, não é necessário pensar que o indivíduo poderá mudar de um momento a outro, aliás, dizendo que vai se falar português como um colonizador, há que haver uma marca na fala da pessoa. Ainda assim, este tipo de comportamento ocorre quando a criança chega na escola.

A interferência na cultura que visa as recomendações das leis do Islão em termo da realização da cerimônia de circuncisão das crianças do gênero masculino após o nascimento, com isso, percebemos que o Islão declara que quando uma criança nasce, após sete dias úteis, seria normal nomeá-la e no mesmo dia fazer o ato de circuncisão, mas o que acontece, é que a cultura mudou tudo, agora quando a criança do gênero masculino nasce, após sete dias, só receberá o seu nome, conquanto, a circuncisão acontece só quando a criança muitos anos, às vezes até dezoito anos, isso depende o que a família vai ter como um acordo sobre a cerimônia para a circuncisão da criança.

3 O VALOR DA ESCOLA NA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA NAS OBRAS DE ABDULAI SILA

Durante da nossa leitura do artigo intitulado *Sistema Educacional E Formação De Professores Na Guiné-Bissau*, pudemos verificar sobre as informações e ideias de segundo Indjalá (2019, p. 2), “durante o período colonial, a formação de professores na Guiné-Bissau teve seu início em 1966, com a criação da primeira escola de formação de professores no país, denominada Arnaldo Schultzi em Bolama [...]”, pois os colonizadores implementaram a escola no antigo capital da Guiné-Bissau que era Bolama, mas a escola pessoas que estavam ao lado dos portugueses, ou seja, os filhos de oficiais, ou comandantes que estavam mais próximos de colonizadores.

No momento da mobilização para independência no tempo colonial, tudo o que diziam ao povo, era visto como verdade eterna, pois tudo era verdade, porque as conversas eram bem organizadas, por conseguinte, que quase todo mundo acreditava que depois da independência, os seus filhos iriam para melhores escolas, haveriam professores bem qualificados. A educação seria cega, e que não daria o privilégio uma classe social para excluiria outra, e que todo mundo teria igual direito à educação, aliás, seria o direito de todos e todas, da outra sorte, depois de conseguiram a independência na mão, se porventura, a promessa tornou-se contrária para os libertadores e para os filhos de camponeses e pequenos ambulantes. Embora, no período pós-colonial, houve um retorno de alguns portugueses para Guiné-Bissau com objetivo de ajudar nas reformas nas escolas.

A promessa, que tinham dado para o povo, era de que a força maior da Guiné-Bissau seria na educação, porque tinham certeza com uma educação estável poderia manter o país na estabilidade e que depois da independência o território guineense teria muitos formados, professores bem qualificados e que quem não teria o conhecimento, a sua vida seria limitada em muitas coisas, era uma afirmação motivacional, pelo contrário, todas as promessas dadas, poucas foram cumpridas, a educação para todos e todas é uma das propostas dadas, mas que não foram cumpridas.

Dando continuidade sobre a educação, nesse instante, seria necessário debruçar na língua crioula, embora essa língua tenha maior número de falantes, mas não concebeu aceitação de uso por Estado guineense nos documentos, pois o crioulo não foi permitido para o uso dos dados pessoais nos documentos por falta de sistematização gramatical da língua, de forma

morfológica, lexical e sintática no língua guineense, e depois para oficializá-la, desta forma, podemos dizer que foi a negligência do Estado guineense na organização na língua.

A língua portuguesa passou a ser usada nas instituições de Estado como a língua administrativa nas instituições públicas, e também passou a ser utilizada nos negócios de Estado guineense interno e externo do país, sendo que a língua oficial portuguesa, possui menos número de falantes no país. Por esse motivo, percebemos que o português passou a ser visto como a língua das elites guineenses, por outro lado, que a literatura guineense só poderia ser escrita em língua de colonizadores, e que a literatura pouco se escreve nas línguas étnicas, isso foi disseminada entre o povo guineense.

Passando para a analisar o romance de Abdulai Sila *A Última Tragédia*, em que o narrador é onisciente de tudo o que narra na terceira pessoa de singular. Primeiramente, ele nos conta a história de Ndani/Daniela, que foi natural de Biombo, e foi criada pela sua madrasta que sempre lhe contava histórias de como ela poderia viver junto com os brancos, caso ela quisesse sair da casa do seu pai um dia à procura de emprego, e que para não esquecesse de seu conselho.

E depois Daniela resolveu fugir da casa, e foi à procura de emprego na capital Bissau, ali se deparou com muitas dificuldades antes de conseguir o trabalho, nessa circunstância, ela percorria de casa a casa onde moravam os brancos, às vezes descansava sentada nas ruas, ou nas varandas de casas de desconhecidos, mas ela sempre lembrava o conselho da sua madrasta, de que não deve olhar patrão no rosto quando esse lhe olha, e que sempre desviasse o seu olhar para chão ou ao lado para não fazer quatro olhos com patrão, e que para que fizesse gestos para que seu patrão não ficasse com raiva dela no momento de servir a mesa.

Nesta procura de emprego, ela passou fome e sede nas ruas, com isso, Daniela pensava que a filha de um branco na idade dela, nunca sairia da casa dos seus pais à procura de emprego, achava que se fosse a filha de branco, deveria ler livros ou aprender fazer rendas com a mãe, e que para ela não há um branco analfabeto.

Finalmente, Daniela conseguiu emprego na casa de uma patroa que se chama Deolinda, mas ela acabou de mudar o nome de Ndani por Daniela, dizendo que eles fossem para aquele inferno de Guiné-Bissau para civilizar o povo guineense, sendo que agora se Ndani quisesse trabalhar na casa dela, o nome ela passa a ser Daniela, ela repetiu várias vezes, o seu nome é Da-ni-e-la, e que não queria mais ouvir o nome Ndani na casa. E, nesse processo passou a ir junto, com Daniela à Igreja Católica, para lhe dar a missão que levou os colonizadores por

lá, para dar a civilização portuguesa ao povo guineense e para incutia as suas culturas nas cabeças do povo guineense.

A Dona Deolinda continuou com a sua missão de ir nas regiões com a sua comitiva, para ensinar o povo a ler, falar e escrever bem o português, até que criaram um grupo mais destacado entre aquele povo, e lhes formaram para ser futuros professores, pois o trabalho foi aclamado por todo lado do país, e o nome da Deolinda repercutiu por todo lado de país, porque o povo daquela região avançavam muito na escola, tanto na aderências quanto no desenvolvimento de aprendizagem da língua portuguesa, até que conseguissem professores negros e nativos da região, embora o povo de lá não acreditavam no ensinamento de um professor negro.

Analizamos o pensamento da Daniela, embora que seja de uma forma positiva, mas podemos perceber que havia muitas aquisições de ideias por partes de colonizados, para mais esclarecimento pode-se seguir uma passagem, a partir deste momento, do romance de Sila: “A Daniela decidiu deixar todas as brincadeiras ao lado para encarar à escola veementemente, e persistentemente, isso depois que ouviu a fala da sua patroa na rádio, e nome dela estava aclamado e sendo falado por todo o lado do território pelo ato generoso que fez” (2011, p. 61).

A Deolinda com a sua equipe, organizou um projeto para ajudar o povo da província, mas a ideia era para que ela tinha a retribuição de um bom emprego para o seu marido, como dissemos anteriormente, isso lhe levou organizar um grupo missionário para ensinar o povo da província a ler, escrever, e falar bem o português, e tudo ocorreu bem, se o governo estivesse totalmente preocupado com setores que não tinham acesso a escola, seria uma coisa muito interessante para estimular os que mais precisam para evoluir.

Com a vontade do governador, ele resolveu convidar a Dona Deolinda no palácio para lhe agradecer, e fazê-la ser reconhecida por todo o lado de território, junto com a sua equipe, porque para eles, fizeram um ato de patriotismo, fizeram o que o Governador da Região deveria ter feito, não era o sentido de se favorecer politicamente, mas sim a missão era para ajudar aquele povo para que não forem ignorado na sociedade, lembrando que na época, a situação da educação era muito mais precária, deste modo, tudo foi organizado para que Maria Deolinda tivesse uma contrapartida mais tarde. Desta feita, pode-se aferir isso na seguinte passagem:

O jornalista divulgou um artigo no qual aclamou a Dona Maria Deolinda sobre o trabalho feito dela junto com o seu grupo missionário na província que se repercutiu em todo o lado, esta notícia chegou ao governador, e mandou recado, através de um funcionário vestido todo de branco, para lhe dizer que no dia seguinte gostaria que ela

vá ao palácio porque queria lhe conhecer, e lhe agradecer sobre escolas e a educação oferecida para o povo na região; (SILA, 2011, p. 62).

A relação da escola na Guiné-Bissau é um caso muito preocupante, no período colonial, acontece que educação era menor número de estudantes, mas administrativamente trabalhavam para superar mais aprendizagens dos alunos na época, mas isso aconteceu nas cidades onde existia as escolas. Percebemos que quando um aluno matriculado ausentou a aula, o professor ordenava a turma num momento para que todos alunos fossem procurar o indivíduo por onde estivesse. Em primeiro lugar, iam ter com os pais, para procurar saber a causa da ausência de aluno/a na escola.

Por outro lado, percebemos que no período de colonização, acontecia até a troca de nomes dos colonizados, por exemplo, na hipótese de Ndani, o seu nome foi mudado para Daniela. Não só Daniela, mas aconteceu também com muitas pessoas na Guiné-Bissau. É claro que na mudança do seu nome era para lhe obrigar a aceitar religião cristã, mostrou claramente um clima para dar lhe civilização e para alfabetizá-la também, aliás, aculturá-la e colonizá-la mentalmente.

Após a independência, de acordo com a Constituição da República da Guiné-Bissau, no seu artigo 49º afirma que todos os cidadãos têm direito à escola, pelo contrário, que esse alegado existe só no papel, mas não na prática. Porque até então os cidadãos guineenses não estão beneficiando as belas declarações da constituição, porque os filhos de pobres não são privilegiados de ter anos letivos completos na Guiné-Bissau, neste contexto, existe um déficit educacional que continua na área de educação, por causa de sucessivas greves no país, e anos letivos incompletos.

Também, podemos relacionar o enredo e as ideias, de outra obra de Sila, intitulado *Memórias SOMânticas* (2016). O narrador é uma mulher, desde a sua fase de criança quando ela estava sendo criada pela própria mãe e o seu padrasto, ela era maltratada assim como sua mãe, o que fez com que a mãe a levou para uma outra mulher lhe adotar. E ali, ela passou muitas coisas ruins, até que atingiu a idade de adolescência, e se apaixonou por um jovem, mas não demorou muito tempo, logo começou a guerra de libertação, e este seu namorado foi para Guiné Conacri com a finalidade de se juntar com PAIGC (Partido Africano para a Independente de Guiné e Cabo Verde) e para apoiar voluntariamente o partido, como a luta estava demorando muito, ela também resolveu ir para Guiné Conacri dando apoio ao partido, mas com a finalidade de procurar o homem querido amante.

Ao chegar em Guiné Conacri, ela procurou a base de partido, e fez tempo cozinhando para o partido de PAIGC, porém sempre que aparecia um soldado a procura da comida na caserna, ela perguntava do seu namorado, e com o tempo a comunidade a responsabilizou da logística, e com o bom desempenho dela, porque às vezes ajudava os enfermeiros no curativo das pessoas feridas, então foi premiada como enfermeira, e criou amizade com muitas pessoas, até com um homem que vendia nas ruas, ela divertiam muito com aquele homem, contava lhe sobre a beleza da terra (Guiné-Bissau), e que a Guiné é um território muito lindo, depois o homem também lhe disse que tem o seu filho em Bafatá, e que não sabia se estava vivo ou morto, mas permitiu que depois da guerra ia conhecer a Guiné-Bissau.

Por último, a enfermeira resolveu voltar para Guiné-Bissau, mas quando ela voltou, a final havia perdido a mãe ainda no momento que estava na Guiné Conacri, e ao voltar o seu filho e marido da sua mãe também morreram, para ela parece que quando voltou a sua vida estava piorando cada vez mais, por outro lado, ela pensava que todas as promessas dadas iam sendo cumpridas, e que o partido ia construir a sua casa, viver uma vida digna, para que continuasse fazer o seu trabalho tranquilamente.

Na narrativa romântica de Sila (2016), ainda no tempo colonial, a personagem anônima que ouvia dizendo que a mulher sempre é domesticada, e que deve ficar na ordem do marido, mas se perguntou: “Uma mulher tem sempre que pertencer o marido e ficar na ordem dele?” (p.31). percebemos que como o sistema do país é patriarcal, então para eles não seria necessário perder o dinheiro e tempo investindo na escola para que as meninas estudassem, por essa razão, colocam-nas uma esperança na cabeça que depois de pouco tempo na casa dos seus pais, ao atingir a idade exata iam se casar, neste sentido, muitas meninas já adquiriram este tipo de pensamento de que não deveriam estudar muito, e que se isso acontecer muitas vezes as mulheres não vão respeitar as ordens dos seus maridos, mas agora esse tipo de pensamento está mudando progressivamente na Guiné-Bissau.

Também, percebemos que a narradora da história é anônima, mas explicou a sua história que passou desde infância, quando a vida dela e da sua mãe foram arruinadas pelo seu padrasto, a mãe dela decidiu lhe entregar nas mãos duma outra mulher que era a tia menina para lhe adotar, por esse motivo, segundo Sila (2016, p. 31), no seu romance intitulado *Memórias SOMânticas*, “Eu queria ser adulta de pressa e tinha motivos de sobra. Queria passar a ser eu mesma decidir sobre os assuntos que alguém sempre decidira por mim sem querer saber de mim. Queria tomar conta de mim, agir por minha conta e responsabilidade”, esse tipo de

pensamento ainda existe na cabeça de muitos pais de que as suas filhas não devem estudar muito.

Quanto aos meninos, frequentam mais nas escolas de que as meninas, nas regiões muitas crianças sofrem a opressão dos seus pais por causa dos seus trabalhos no campo, percebemos que por um motivo ao outro, os pais privam os seus filhos no trabalho de campo para não irem à escola, porque acham que é perda de tempo liberar os seus filhos irem à escola, e acham que em vez de perderem os seus tempos ir para escola enquanto deveriam fazer outros trabalhos no campo de agricultura ajudando os seus pais. E, para alguns pais, ir para escola significa um ato de cobardia, e acham que os que têm medo do trabalho no campo, encaram, aliás, gostam mais de escola. É isso que acontece nas regiões, da outra sorte, campado de tudo isso são os políticos governantes que não têm a postura de governar o país, e não aceita assumir as suas responsabilidades na área de educação guineense, dizendo se por acaso, que “a educação para as crianças de X até X ano é obrigatório”, mas com uma educação estável.

Também, há um problema na Guiné-Bissau que é muito lamentável, o caso de meninos de criação que muitas vezes não consigam ir para escola, porque não foram permitidos por seus adotivos para irem à escola, mas trabalhando duro para essas pessoas, os adotivos colocam seus filhos na escola para estudar, enquanto os outros adotados ficam na casa para trabalharem, entretanto, essas crianças adotadas sempre perdem oportunidade de enfrentar à escola nos momentos mais vulneráveis, à vista disso, na fase de adolescência destas crianças muitas das vezes não podem fazer nada a não ser continuarem com analfabetismo e trabalharem duro, porque precisam de dinheiro para resolverem as suas necessidades.

Por esse motivo, fizemos uma comparar os fatos ocorridos de escritor guineense Sila (2011), siga o trecho sobre o assunto, no qual a Daniela que tinha quase mesma idade de filho ae sua patroa – João - que estava na Metrópole terminando o liceu:

Quando a patroa perguntou a Daniela de quantos anos tem, e respondeu que tinha quinze anos, a Senhora logo se exclamou, “que maravilha!” e disse “tens quase a mesma idade que o João, o meu filho mais velho. Lembras-te ele Daniela? Ela perguntou. Ele agora está na Metrópole a concluir o liceu. Ele quer ser advogado, sabias?” (SILA, 2011, p. 34).

Observamos tranquilamente sobre a situação vivida na educação guineense atualmente, uma vez que, as elites guineenses, não preocupam com a situação delicada que se encontra a educação guineense, não preocupam com escolas degradadas, e nem com sucessivos anos eletivos incompletos, porque sempre os seus filhos estudam nas boas escolas, aliás, mandam os seus filhos fora do país para estudarem, e os filhos pobres de pequenos camponeses

e ambulantes, para encararem a péssima situação em que se encontram nas escolas públicas. Isso é terrível, para um país que fica cantando todos os dias de que vão dar uma estabilidade educacional para estudantes no país. Na área educacional é completamente um drama para os filhos de pobres, pois fazem ironias nas escolas públicas. Para mais ideias desse percurso, podemos averiguar o pensamento ideológico colonial, na personagem Deolinda, no romance de Sila (2011), intitulado *A Última Tragédia*:

[A ideia de a Deolinda] pois para evangelizar os índios ela ordenou que construísem escolas naquela província para lhes ensinar ler e escrever, e formar mais destacados e inteligentes para administrarem as aulas, e isso funcionou, formaram certo grupo, mais tarde este grupo começou a ensinar os outros, até que os mais velhos se interessaram e começaram a liberar os seus filhos de trabalho para irem à escola todos os dias (SILA, 2011, p. 57-58).

Para recordar sobre os pais que impediam os seus filhos irem à escola, pois, analisamos que eles mesmos não fossem a escola nos seus tempos, neste universo, não tinham como saber e reconhecer o valor da escola, porque só foram ensinados os trabalhos que podem fazer, e não tinham o conhecimento sobre o valorizar a escola, por consequência, só respeitavam os que vão para o trabalho de campo, com a finalidade de ajuda-los no trabalhar, para eles ir à escola era uma perda de tempo. Para mais destaque sobre essa afirmação, pode-se avaliar a fala duma personagem no livro de Sila (2011), “Para que uma pessoa tiver o amor ao algo, seria necessário conhecê-lo antes, disse Maria, portanto, os habitantes da província precisavam ir à escola para conhecer a importância dela, para que tivessem o amor à escola” (p. 60). Com certeza, a escola é necessária para um ser humano, e é importante enfrentá-la para saber mais o esplendor que existe na escola, mesmo que a afirmação na obra seja dita por Deolinda.

Os governantes e dirigentes guineenses sabem muito bem sobre a importância da escola para o povo guineense, diante disso, ficam sempre impedindo para que a população não adquira o seu direito de ir à escola como foi permitido na constituição, deixando o povo com as expectativas e às dúvidas nas cabeças, de que “o fulano vai melhorar educação guineense”, mas nunca querem que os cidadãos conheçam o valor existente na escola, sempre fingem que estão preocupados com a situação educacional no que se encontra, mas não pensam e nem preocupam em resolvê-lo.

Se comparamos a atual situação educacional com a situação educacional pós-independência, podemos perceber que a situação atual está piorando cada vez mais em termos de administração, e ensino embora que estejamos no mundo da tecnologia, e muitas ajudas de comunidade internacional para sustentar a educação dos filhos guineenses, principalmente os filhos de mais carentes, infelizmente o caso não compensa de maneira planejada, porque os

governantes costumam desviar os valores investidos para uma educação estável no país para outros fins, ou seja, para investirem na educação dos seus filhos, da outra sorte, não querem que nada apareça como a luz verde para os mais carentes.

Durante isso, os governantes sabem muito bem que se a educação para todos tiver estabilidade no país, o povo iria ter o senso crítico muito forte sobre os casos que sempre acontecem no país, assim não permitam que os filhos de classe baixa tenham oportunidade de uma educação estável para que saibam posicionar sobre tudo o que acontece no país.

3.1 As visões sobre a educação pública guineense

De volta ao romance de Abdulai Sila, foi o que Deolinda fez, com o discurso da ideologia colonial, para adquirir mais compreensão, conforme a passagem a seguir.

O trabalho que a Dona Maria fez junto com o seu grupo, se repercutiu em todos os lados, emissores do território difundiram o ato generoso, até disseram que o trabalho feito era de façanhas, e que aquilo se compara com o valor universal dos poemas de Camões, dos grandes navegadores que transformaram um pequeno país que situava na Península Ibérica numa grande nação respeitada. Com esta comparação, foram louvados pela coragem e o amor à pátria, pela educação dada para aquele povo na região (SILA, 2011, p. 61).

Na narrativa de Sila, acabamos de perceber que na época havia regiões no país que nem sabiam sobre o contexto da escola, ou seja, não sabiam o valor da escola em si, havia zonas nas quais, os pais não acreditavam na educação, eles só acreditavam nos seus trabalhos do campo, porque para eles ir para escola é uma prática que demora muito para que comecem beneficiar algo, em função disso, podemos perceber que um bom número da população não tinha acesso à escola, mas os que frequentavam à escola eram os que viviam nas cidades mais urbanas mais próximo dos colonizadores.

Podemos perceber que nem todos acreditavam que a escola era boa para os seus filhos, principalmente a etnia fula, com tanto que, diziam que a escola não era solução para os seus filhos, pois, para eles, colocar os filhos na escola de brancos para que eles estudassem, diziam que isso os poderia levar a não respeitarem os preceitos recomendados pelo Islã. Mas essa ideia não deveria ser vista como um caso estranho, desta feita, era porque não havia uma política de desconstrução de tal ideia, para que esse pensamento acabasse entre as pessoas. Embora a ideia de Dona Deolinda, no romance *A última tragédia* de Sila, fosse de interesse colonial, mas, podemos levar em consideração de que era uma boa iniciativa para desconstrução de pensamentos culturais e religiosos arraigados, mesmo que distorcido pela empreitada colonial.

É muito interessante respeitar os ensinamentos dos nossos pais, ou seja, respeitar as conversas dos nossos ancestrais, mesmo que eles não fossem à escola, mas os nossos antepassados sempre nos ensinam as coisas que podem nos escapar nas escolas, através da cultura em que se encontra, pelo contrário pode a não estudar esses ensinamentos nas escolas. Por exemplo, existem provérbios que passaram por muitas gerações, mas que até hoje existem. Quando se está no meio dos mais velhos, se aprende a distinguir o que é de bom e o que é de errado, conforme nos ensina na obra de Bâ, aprendiam e retinham muitas coisas, sem nenhuma complicação, sempre com amor e prazer, porque para eles “tudo era muito vivo e divertido”. Recebiam instruções ao mesmo tempo brincavam, sempre foi um grande entretenimento e princípio dos antigos mestres malianos. Contudo, se viviam no meio da família, segundo Bâ aquilo era uma grande escola permanente, que se denominou “a escola dos mestres da palavra” (2003, p. 175).

Para mais uma observação sobre do que se trata, detectamos o exemplo no romance de Sila (2011), intitulado *A Última Tragédia*, onde o régulo de Biombo que nunca foi para escola, reconheceu que com a escola, o indivíduo pode-se melhorar bastante na vida, resolvendo muitas atividades com mais facilidade, pode-se fazer cálculos, seja qual for a atividade, e o destino da vida será mais brilhante em termo de organização.

O régulo de Biombo que nem sabia ler e escrever reconheceu o valor da escola, dizendo que se no caso tem que levar ao comerciante vinte balaios² de arroz, quinze sacos de mancará³, cinquenta canecas de feijão para vender e depois pagar o imposto, e como poderia calcular tudo isso, só com as pedras? Não pode dar certo assim, mas para fazer tudo isso é preciso enfrentar a escola, pois escola serve para isso. Ainda disse que, quando os brancos forem embora, não deveria haver mais nada, mas deveria haver muitos professores para ensinar os guineenses (SILA, 2011, p. 100).

O *régulo* é aquela pessoa que é nomeada para substituir o governo na sua ausência, quer dizer que o chefe religioso de uma região ou tabanca, no período colonial e pós-colonial, é uma pessoa que pode resolver alguns problemas da população, desde que, ele tem poder de aplicar as leis, aliás, promulgar algumas leis básicas na comunidade tradicional, para que ele mantenha a comunidade bem estruturada e ordenada, numa clima de paz, caso o régulo tenha um problema na comunidade que não for possível resolver na base de seu poder, ele pode encaminhá-lo diretamente para o governador da região com a finalidade de resolvê-lo, esse poder existia no tempo colonial, pós-colonial e até agora, mas com poderes muito mais restritivos de que anteriormente.

² Cesto de palha que geralmente sempre é usado para medir cereais.

³ Amendoim.

Cada ano letivo, os filhos de pequenos camponeses costumam estudar no máximo cinco ou seis meses, uma vez que o ano letivo deveria ter nove meses, mas os alunos passam a maioria de tempo em casa ficam a espera para as greves dos professores terminarem, quando perderam três, quatro ou cinco meses sem estudar, logo o governo decide pagar uma parte com a finalidade de salvar o ano letivo, porém isso é um engano para os pobres que não têm a condição de mandar os seus filhos para boas escolas ou para boas universidades fora do território, a fim de estudarem.

No romance de Sila (2011), *A Última Tragédia*:

O régulo de Biombo alegou que, quando os brancos voltarem para sua terra, tem que acabar com polícia, com seguranças, cipaios, tudo isso. Vai restar só a força de professor, a sua escola e disse que, se tudo desse certo, deveria sair uma lei e que todo mundo teria que pensar, na qual teria artigo único. E que quem não teria a cabeça para pensar, não deveria ser chefe, não poderia ser professor, nem para ter filho, tudo para evitar o conflito de herança (SIIA 2011, p. 101).

Muitas pessoas conseguiram estabilidade na vida através da escola, os que mais sucederam na vida foram os que se sacrificaram muito, e tropeçaram muitas dificuldades pelo caminho, mostraram persistência, foco e determinação; deram exemplo de que a escola é para encarar e ter objetivo no que se quer ser, por exemplo, como diz a sabedoria do ditado popular: “o mel é delicioso, mas quem quiser experimentá-lo, não deve espantar a colmeia, para poder retirá-lo”. Deste modo, acabamos de saber que, quem quiser ser um doutor, ou seja, quem quiser ser uma pessoa bem sucedida em qualquer que seja a área, em princípio deve passar por um caminho difícil, e árduo.

O professor formado pelo grupo missionário da Maria Deolinda, no romance de Sila (2011), com o título *A última tragédia*, antes o professor negro não sabia ler nem escrever, mas depois que encarou o estudo, e se saiu como melhor aluno na escola, Deolinda apostou nele e lhe preparou para fins de seu interesse, pois essa pessoa se tornou um professor regional, o valor do seu foco e desempenho, foi colocado na escola construída pelo régulo de Biombo, mas quando foi apresentado na inauguração da escola como o primeiro professor daquela escola para os habitantes daquela pequena região, quase todo mundo exclamou dizendo, que como seria possível um negro ensinar na escola, e perguntaram seguinte: “por que não poderia ser um professor branco? o que ele sabe para nos ensinar algo nesta escola”, tudo isso mostra a questão da mente colonizada não é uma coisa que iniciou neste século, mas sim, iniciou há muitos anos e séculos atrás.

Quando o professor negro começou a falar perante a multidão das pessoas, com as suas palavras de animosidade dizendo que, se os alunos estudarem, agarrarem nos livros, e fossem para escola todos os dias, com certeza um dia vão se tornar professores também e aquele gesto era o único caminho que poderiam seguir para puderem ser grandes homens responsáveis, e que um dia poderão se superá-lo na vida, porém uma vez que expressou desta forma, não podiam evitar a gargalhada no local, quase todo mundo caiu de risada. Em conclusão, era exatamente o que estava incutido nas suas cabeças de que um negro não pode estar em frente dos outros administrando uma aula ou um posto administrativo, e também eles estavam achando que não eram capazes de aprender algo até na altura que poderiam ser mais privilegiados para exercer um cargo como aquele, achavam que a escola não era para os negros, mas sim era só para os brancos. Para mais reflexão ao respeito trouxemos a seguir uma passagem na obra de Sila (2011), de romance *A Última Tragédia*:

O jovem professor formado pelo grupo missionário em que Deolinda criou, foi colocado na nova escola pela própria Deolinda, expressou naquela inauguração da escola que o régulo de Biombo construiu na região, dizendo que os meninos e as meninas para que acreditassem seguinte que, se pegassem nos livros, e fossem todos os dias à escola, um dia poderiam ser grandes Homens; e que só daquela maneira que poderiam ser importantes mais de que ele na vida, e que se estudassem muito, poderiam tornar Homens mais importantes e mais de que quaisquer que era o chefe na Guiné-Bissau, houve uma longa gargalhada (SILA, 2011, p.108).

Para mais explicação sobre discursos elaborados que até então não cumpriram os seus alegados, por esse motivo até então não há luz verde na educação para estudantes na Guiné-Bissau. As promessas que deram para o povo guineense, do contrário, estas promessas fossem cumpridas, os cidadãos guineenses teriam uma educação de qualidade, uma educação para todos e todas, mas tudo se foi por água baixa, de momento em diante, destas promessas que os combatentes alimentavam a esperança e o ânimo no campo de combate, pelo contrário, agora os estudantes guineense passou desde indecência a ser vítima dos seus próprios governantes, por exemplo, os filhos da classe baixa não têm o mesmo privilégio de ir à escola de qualidade com os filhos de elites guineense, uma vez que isso erra uma das promessas do PAIGC, pois, com finalidade de garantir o futuro melhor para todos. Conforme a narrativa de Sila (2016), na sua obra *Memórias SOMânticas*, desta que “os abusos dos portugueses acabariam depois da independência, só haveria boas escolas para todas as crianças, em todas as tabancas e cidades; construindo boas escolas em todos os cantos da nossa pátria amada a paz e o progresso. Era a razão da nossa luta” (2016, p. 84). A razão da luta organizada pelo PAIGC foi muito forte que levou os combatentes acreditavam que depois da luta a Guiné-Bissau estabeleceria em todos os aspectos.

3.1.2 Uma comparação educacional do período colonial e do pós-independência

Como vimos anteriormente, de acordo com Sila (2011), no romance *A última tragédia*, destaca que o governo não implementava uma política para que os alunos pudessem ir à escola em todas as regiões, o grupo missionário da Dona Deolinda que se ofereceu voluntariamente para trabalhar, daí, foi para substituir o governo naquela região, com finalidade de fazer papel interessante de construir escolas e dar aulas para o povo da região, pois o governo não tinha construído escolas na região, porque prioridade para o governo não era para construir escolas, e o povo ficou sem escolas para que os seus filhos pudessem estudar, mas com atuação do grupo, tudo normalizou. Por outro lado, mesmo com a independência no país, podemos imaginar o salário dos professores que deveria compensar as suas necessidades, da outra sorte, eles recebem o péssimo salário que nem podem administrarem as aulas com o amor, lembrando que com o salário baixo dos professores, mesmo assim, não o recebiam na hora, portanto, cabe o governo resolver todas essas ocorrências, embora finjam que não está acontecendo nada na área educacional, porque para eles educação é um setor que não vale a pena levar muitas considerações nas suas reivindicações, pois, a força dos professores é o diálogo.

Tomemos o exemplo sobre o belo ato de comandante na época colonial, na obra de Bâ (2003), quando a escola era obrigatória no tempo colonial para todas as crianças, Bâ e Madani quando eram crianças, e foram levados ao gabinete de comandante para que fossem matriculados na escola, mas Madani declarou que não queria estudar, por esta razão, o comandante lhe disse “mas eu e o seu pai queremos que você vá à escola, lá você aprende a ler, escrever e falar bem o francês, esta bela língua que todo filho de chefe deve conhecer, ela permite adquirir poder e riqueza” (p. 219).

Percebemos que Bâ e Appiah foram escritores que lutaram drasticamente até que se sobressaírem na vida acadêmica, e cada um mostrou com uma persistência permanente e acreditaram que é possível uma mudança nas suas trajetórias, deram as suas contribuições para os seus países, não só, mas também tomaram posicionamento à defesa de valores culturais, e literaturas africanas, neste caso, acreditaram também que é possível adquirir uma mudança para os africanos, para que se possam governar. Porém na Guiné-Bissau desde período colonial e depois da independência, o caso da diretrizes da educação não são plausíveis, se torna cada vez mais alarmante, por falta de educação de qualidade para os cidadãos guineenses, falta de grande comprometimento dos governantes ao país, a fim de sustentarem o ano letivo completo para os

estudantes, também existe falta de materiais didáticos atualizados, falta de valorização das línguas maternas que fazem parte da cultura do mesmo. Deste modo, a situação da educação guineense é um caso endêmico. Na área de educação, para os governantes da Guiné-Bissau a educação não é prioridade, o que se torna a situação muito lamentável e alarmante, de modo que é um setor que sempre tem o poder de alimentar a qualificação aos todos os outros setores para que o país se desenvolva rapidamente de uma forma estável.

4 UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA NA EDUCAÇÃO GUINEENSE, A PARTIR DA OBRA DE TONY COSTA

É necessário refletirmos e analisarmos a visão do governo no que diz respeito sobre a infraestrutura nas escolas públicas para melhor funcionamento das aulas na Guiné-Bissau, neste caso, tudo indica que os políticos guineenses não se preocupam tanto com a educação guineense, só precisam um bom número dos eleitores para votar neles no momento da campanha eleitoral. No momento das eleições, usam bons discursos dizendo que “vamos plantar uma educação para todos e todas”, sempre falam de forma para persuadirem os seus eleitores, mas quando vencerem as eleições, a área da Educação sempre é o último plano para os políticos, pois sempre esquecem de tudo o que fora permitido anteriormente para o povo.

Sendo assim, analisaremos o romance de Tony Costa (2014), nascido em 7 de março de 1974, na Guiné-Bissau. Licenciado em Língua Portuguesa, Literaturas e Culturas Lusófonas pela Escola Superior de Educação/Instituto Camões, onde é professor de Linguística, Literaturas e Culturas Lusófonas desde 2016. É professor de Língua Portuguesa, literatura e Cultura brasileira no Centro Cultural Brasil Guiné-Bissau, Embaixada do Brasil em Bissau, desde 2009, e é professor de Língua Portuguesa na Universidade Lusófona da Guiné. Participou na antologia poética de jovens guineenses, *Traços no Tempo* (2010)⁴. Em seu romance intitulado *Ntin: somos o que fizemos de nós*, narrou sobre alegria e tristeza da sua família, não só, mas também sobre sucessivos problemas e consequências do seu bairro Ntin, segundo Costa (2014): “O meu país. País de gente alegre, conformado, mesquinho, oportunista e de inversão

⁴ As informações biográficas sobre o autor, foram retiradas na orelha do seu livro intitulado *Ntin*.

de valores, onde os filhos mais sabidos foram postos em último plano, país onde a Educação e a Saúde foram lançadas na mata de *Nhokolokoba*⁵ ” (p. 109).

O escritor discutiu no seu romance sobre a situação da educação na Guiné-Bissau, que é uma área excessivamente pobre, em que se revela o pobre pensamento dos políticos guineenses que deixou a educação mais pobre, aliás, que já é esquecida. No trecho anteriormente citado, expressou exatamente sobre a realidade existente no país, a educação e a saúde foram colocadas na mata de *Nhokolokoba*, porque entendeu por bem que, é uma história que está sendo contada diariamente pelo povo guineense. Pois, as pessoas discutam e lamentam sobre o sistema educativo elaborado pelos políticos, porém o sistema facilita mais os seus filhos para que tenham mais acesso à educação de qualidade, porque se as escolas públicas não funcionar sem por sentio, as escolas privadas passam a ter mais força no país, agora os que não têm condição para pagar ficam cada vez mais afastados da educação de qualidade.

Ao refletir profundamente sobre o que se passa nas escolas públicas da Guiné-Bissau, principalmente na área de docência e administrativa, veremos que não é fácil ser um professor na Guiné-Bissau, para salientar que o salário de um professor não compensa tudo o que ele pretende comprar para a sua família, nesse quadro, quando se chega ao momento das provas finais dos alunos, alguns professores começam negociar com alunos para que possam vender as notas aos alunos, todavia, quem vai se prejudicar mais tarde com isso, serão aqueles alunos que passaram por compra de notas, pois, mais tarde podem pagar com as suas fraquezas.

Os professores e alunos, ambos têm o receio de dar uma notícia ruim para seus familiares. Além disso, alguns diretores das escolas estão conscientes sobre o que se passa entre alunos e professores. Porque os professores costumam “dizem quem manda na turma sou eu”, eu sou o vosso professor, faço o que eu quiser, então o professor, neste caso, é quem sabe o que vai aplicar para os seus alunos. De acordo com autor Costa (2014), no seu romance intitulado *Ntin*:

— Sim, diretor. O nosso professor de Ciências Naturais entregou-nos a prova e, num universo de quarenta e cinco alunos, ninguém tirou nota positiva. Em consequência disso, marcou-nos uma “prova de salvação”, a troco de dez mil franco fcfa, cada.

—É só isso? Disse o diretor. Então, qual é a crise? Hein! O professor Nelson está sendo muito generoso convosco. Deviam agradecer-lhe e não ficarem com estas caras de indisciplina. E mais: não quero ouvir nem um pio de vocês! Conversados? Agora, saiam da minha frente! – ordenou o diretor; (p. 61).

⁵ É uma expressão popular que significa um local, ou seja, a mata escura e mais longe da cidade, que já é esquisito, estranho, para a comunidade.

Para refletir sobre o pensamento do diretor, daqui em diante, desse contexto no romance, podemos pensar profundamente, neste instante, seria necessário perguntar seguinte: quem será vítima de esse acontecimento no futuro? Evidentemente, será o aluno quem vai pagar a consequência, pois, se o aluno pagar o seu dinheiro, em troca de fraqueza, tudo bem, ele vai passar de classe, sim, mas ele vai sofrer no futuro.

Durante a nossa leitura no romance de Costa (2014), percebemos que ele mostrou o valor da língua crioula na sua obra, deste modo, podemos constatar seguinte, apesar que o português é a língua oficial no país, mas o crioulo é a língua mais falada no território guineense, por essa razão, é muito pertinente compartilhar a ideia valiosa de Costa, para descobrir o que autor quis dizer com isso na sua obra, deste modo, ele mencionou os ditos populares em crioulo no seu romance, por outro lado, isso mostra que qualquer língua tem a sua importância na comunidade que a usa, neste ínterim, o autor mostrou que, às vezes o indivíduo pode tomar uma determinada decisão sabendo que tem bastante confiança no algo para se defender “-Si bu odja segu na pidiu fertcha-fertcha sibi kuma i massa pedra”⁶, daqui em diante, desse ditado, percebemos também que as pessoas que têm “costa larga”⁷, esses indivíduos agem na sociedade guineense, porque ficam com tanta confiança perante os que não possuem, só pelo fato têm os seus pais, irmãos, ou irmãs que trabalham nos aparelhos do Estado.

Percebemos que, no romance de Costa (2014), o uso de ditados populares em língua crioula, é uma iniciativa que nos levou a pensar sobre a cultura guineense na escola, ou seja, nada mal se os livros didáticos foram produzidos com base da cultura guineense, principalmente, a língua crioula. Por exemplos, as frases produzidas pelo autor em crioulo, têm significados subentendidos, por exemplo, quando a personagem do Tio Furna afirmou: “- Noba ta tchiga ma lestu di ki dunu de pe ku asa, el i suma bentu ku ora ki supra tudo djintís ta sintil, kaba mas i ka ta pidi pasadju” (p. 152)⁸, ele quis dizer que a informação chega mais rápido se ninguém não foi recomendado para informar a quem foi destinado.

Outro exemplo de uso popular na Guiné- Bissau, também dito pela personagem de Tio Furna no romance de Costa (2014), que diz seguinte: “- Si buru dau pontapé bu tornal i papia

⁶ “Se o cego te pedir o desafio de apedrejamento, saiba que tem algo por trás”.

⁷ A pessoa que tem defensor no Estado, ou que faz parte da família que tem dinheiro, ou tem pai ou mãe de alto nível no Estado.

⁸ “A notícia é mais rápida do que um homem ou um pássaro ela é como vento que quando sopra todo mundo o sente. De mais a mais, não precisa de passagem”.

bu ma buru di ki el”⁹ (p. 153), percebemos na fala de personagem que nós não podemos responder as provocações das pessoas desqualificadas e incompetentes, quem responde significa que ele é o pior de que outra pessoa.

Percebemos que existe as leis escritas pelo tribunal, mas pelo que acontece no país, parece que não existe as leis para os políticos, governantes, ou seja, para as elites guineense, as elites guineenses não passam nem perto de ser julgados pelas leis de país, pelo contrário, quando um pobre comete qualquer que seja erro, existe lei para lhe julgar. Por esse motivo, averiguamos isso numa passagem no romance de Costa (2014), que diz seguinte: “Zé Manuel – Ladron di tabanka i lubu ki kema costa, ma si furta ka tchiga pui na banco di eropa, ma ladron di gabinete i ladon diplomadu, ladron di púbis” (p. 111). neste meio tempo, a passagem mais ou menos diz que: um ladrão de Estado guineense é ladrão de qualidade, ladrão diplomata e de gabinete, porém o ladrão de tabanca tem o nome de lobo, qualquer coisa vai ser punido pelo que faz.

5 PROMOÇÃO EDUCACIONAL E A INFRAESTRUTURAS NAS ESCOLAS

No que diz respeito as infraestruturas nas escolas, existem muitas escolas populares sem nenhuma estrutura física, para bom funcionamento das aulas para alunos, nessas escolas fundadas sem estrutura, foram criadas pelos professores curiosos sem nenhuma formação de docência, nem se quer concluíram o 12º ano. Esses tipos de professores sem formação profissional, optam por fundar escolas primárias embaixo das árvores, nas varandas, ou procuram outros locais nos quais se cercam-nos com as palhas de palmeiras. Muitas das vezes, sem carteiras para que os seus alunos passam se sentar, recomendando-os para trazerem as cadeiras, doravante deste caso, os alunos são obrigados a procurarem cadeiras em casa, pelo contrário sentar-se no chão.

Também existem escolas privadas que foram criadas por alguns empresários, ONGs, igrejas católicas, e algumas foram fundadas por apoio de organizações islâmicas, de modo que, o governo da Guiné-Bissau não ofereceu as demandas necessárias para garantir uma educação para todos e todas, por esta razão, foram criados os mecanismos que possam combater mais ou menos contra este problema que abalou a educação das crianças mais vulneráveis, a estratégia é para preencher as lacunas deixadas por governo guineense. Neste caso, segundo Samuel Indjalá, alega que:

As escolas populares são escolas criadas nos bairros, geralmente sem estrutura física. Algumas funcionam até embaixo de árvores. Tal modelo é composto por um professor

⁹ “Quem responde às provocações de um burro, é pior do que o próprio animal”.

que não necessariamente tenham concluído o ensino médio ou a graduação. Já as escolas de iniciativa privada são escolas criadas por empresários ou ONGs, suprimindo a lacuna deixada pelo Estado (2019, p. 6).

Quer dizer, o relato de Indjalá, percebemos que o governo guineense deixou muitas lacunas que tornaram a situação educacional de forma preocupante, uma vez que as crianças que se encontram nesse ambiente escolares são os filhos de pobres camponeses e de pequenos comerciantes ambulante no país, qualquer das formas não há outra alternativa para colocar os seus filhos nas escolas privadas, porque não reúnem as condições para garanti-los os pagamentos mensais para uma educação de qualidade, uma vez que não têm condições econômicas.



Uma das escolas populares na capital Bissau. Fonte: Foto de Redação, Agência Lusa, 2008¹⁰.



Dinâmica do Ensino Popular na Guiné-Bissau, Fonte: foto de redação¹¹.

¹⁰ In: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/guine/debaixo-de-uma-arvore-a-salvar-a-lingua-portuguesa>, acesso em 13 de Agosto de 2021.

¹¹ **O Caso das Escolas Populares do Bairro de Quelele. Uma Alternativa para o Futuro do Sistema Educativo.** In. <https://core.ac.uk/download/pdf/14521144.pdf>, acesso em 13 de Agosto de 2021.

Além disso, as organizações islâmicas ajudam a adotar as crianças órfãs para que pudessem ter acesso à escola de qualidade, pois, as suas escolas reúnem condições que garantem as suas estadias no local, por exemplo, alimentações, moradias, a higiene, tudo o que foi possível para um bom funcionamento das aulas para elas na escola. Não existe só escolas para as crianças, mas também para adultos, que precisam estudar nas boas escolas, quando os pais não têm economicamente a condição de colocá-los nas escolas privadas, por esse motivo, às vezes alguns estudam até terminar o 12º ano.

Entrementes, parece que o governo guineense já esqueceu a situação que essas crianças estão deparando, porque além da pobreza que alguns pais das crianças se deparam, por outro lado, algumas crianças passam o pior, à exceção de, das crianças que já perderam os seus pais, isso é o motivo principal para fundação destas escolas de ONGs na Guiné-Bissau, para apoiar as crianças e adolescentes que mais precisam de ajuda.



Escola em zona rural da Guiné-Bissau¹²

¹² Fonte: foto de redação. https://www.relaappe.fe.unicamp.br/pf-relaappe/fazzio_zhan_2011.pdf, acesso em 12 de agosto de 2021.

6 A LITERATURA, OS VALORES CULTURAIS E AS ORALIDADES

Ao refletir profundamente sobre o contexto geral do povo guineense, a Guiné-Bissau é um país multilíngue, na qual existem muitas etnias no território, cada etnia possui a sua cultura além da cultura que pode ser considerada geral, aliás, a cultura é denominada “guineidade” que se une todo o povo guineense, também cada etnia tem a sua história diferente a outra, porque existem coisas herdadas de geração em geração, a forma de olhar, de crer e interpretar as coisas no mundo. Assim como, existe uma língua que tem o maior número de falante, que se serve como uma língua franca entre todas guineenses, que é o crioulo, através desta língua, os guineenses conseguiram uma cultura em comum.

E, quem escreve em crioulo, sabe muito bem que os seus leitores serão os que podem falar, ler, escrever e interpretar bem. Apesar que a língua portuguesa é a língua oficial, e é a língua mais falada nas instituições administrativamente, da outra sorte, ela tem menor número de falantes no território; e tudo indica que o crioulo tem maior número de falantes, tanto em número dos letrados quanto em número de não letrados. E, se debruçamos na situação do crioulo, segaremos em conclusão que nada impede para que os escritores guineenses escrevam a literatura guineense em crioulo. Segundo Couto e Embaló (2010).

[a] o falar da literatura guineense e que na realidade é muito complexa, e que quando se fala de tal assunto, a pessoa começa logo pensar na literatura em português, e que as pessoas estão se acostumadas da literatura na idioma português, e que isso começou no período colonial, e se continuou com o ritmo maior depois da independência, e que isso é indiscutível, através de multiplicidades das obras escritas na mesma língua, quer dizer depois da independência até no período atual. Neste caso, se alegam que existe tipo de literatura em pelo menos mais duas línguas. E que a primeira é a literatura em crioulo, que consta de narrativas orais tradicionais (estórias), provérbios, adivinhas e outras manifestações das oratórias ou oralitura na Guiné-Bissau (p. 60).

A presença dos colonizadores na Guiné-Bissau, foi uma ameaça para as culturas guineenses, porque todos os valores que o povo guineense tinha foram desprestigiados pelos portugueses, isso afetou o comportamento das pessoas depois da independência, o que levou a obrigatoriedade de falar a língua portuguesa na sala de aula, mesmo com enormes dificuldades que as pessoas enfrentam para aprendê-la, ignorando as outras línguas étnicas, e dar o privilégio a língua portuguesa, essa opressão passou nas cabeças das pessoas que quem fala o português é a melhor pessoa a relação a quem não a fala, a eurocentrismo acabou de dominar principalmente as elites no país. Segundo escritor guineense Sila (2016), no seu romance intitulado *Memórias SOMânticas*, uma personagem alega seguinte que:

Eu ficava sempre aborrecida por ter nos acabrunhado a falar a língua do branco que era incultura na nossa sociedade. Eu a odiava por completo, deste modo, me questioneei por que tinha que ser assim. Tudo muito aprimorado sons que não podia pronunciar corretamente, vocabulários sonolentos para gente que não tinha dente na boca (p. 29).

Contudo, sabemos que as línguas africanas, muitas das vezes não entraram nesta hegemonia política de reconhecimento linguístico em nível acadêmico, porque muitas línguas étnicas não têm uma organização gráfica e física para melhor dar uma orientação para quem pretende aprendê-las, isso não implica que elas não têm as gramáticas internalizadas e depois para terem materiais didáticos físicos, a fim de entrarem na luta de hegemonia linguística, mesmo assim, os que as usam como um instrumento da comunicação, se sintam abençoados com as suas línguas no ambiente em que se vivem.

O crioulo precisa ser vestido, equipada a fim de entrar na luta de uma literatura guineense estável, uma vez que é a língua mais falada no país. Todavia, para que o crioulo for reconhecido na escola, é convém começar organizá-la de raiz, de forma fonética e fonológica, e gráfica, não só, mas também, produzir dicionário e a gramática, se assim for, ela vai servir como suporte nas escolas.

No entanto, percebemos que faz sentido quando averiguamos no legado de Appiah (1997), como um exemplo, no que diz respeito ao contexto geral das línguas e literaturas africanas:

Que as elites francófonas e anglófonos não só usaram as línguas coloniais para governar, mas também admiram a literatura ex-colonizadores com frequência, priorizaram por escrever uma literatura africana contemporânea em língua europeia. Mesmo com desvalorização abusiva colonial, que durou quase duas décadas de resistência armada, a descolonização da África portuguesa, em meados dos anos 70, deixou atrás de si uma elite que redigiu as leis e a literatura africanas (p.20).

Não existe um povo que não tem a literatura no ambiente em que se vive, história, ou cultura, por este motivo, são valores inseparáveis com as pessoas, porque fazem parte da humanidade, independentemente de qualidade de vida que as pessoas se enfrentam, acreditamos tudo o que foi mencionado anteriormente, estão presentes em todas as civilizações, desde antiguidade até o momento contemporânea. Há muitos anos atrás já existia a literatura, havia música, a poesia, e epopeia na África, nesta circunstância, havia mestres de palavras, que reuniam espectadores para que ouvissem as suas músicas, contos, epopeias e poesias ao vivo, eram as pessoas consideradas mestres de palavras, e também eram as pessoas aclamadas pelos seus espectadores, no entanto, todo mundo se sentia contente, e confortáveis, tudo era ao vivo, onde se encontrava todas as classes etárias e com todo tipo de apresentações culturais.

Mesmo que as literaturas africanas não seguiam a escrita, mas tudo estava guardado nas cabeças das pessoas que eram consideradas mestres das palavras, eram as pessoas com maior capacidade mentais que se memorizavam tudo e nunca se esqueciam de algo que aprendiam, caso contrário uma pessoa esquecia algo, haveria muitas pessoas ao redor que ajudariam a recordar, por essa razão, segundo Bâ (2003), alega que “quando um idoso morre, se considerava o incêndio de uma biblioteca”.

Sobre a literatura africana na qual Bâ (2003) se havia de seguinte forma desafios entre os mestres das palavras, na época como tudo era ao vivo, quem vencia entretenimento perante demais pessoas, o indivíduo ia se tornar famoso na comunidade, os desafios que faziam, incentivavam muito para que os jovens participassem no evento, para que cada qual mostrasse a sua habilidade na fala sobre os outros, e aprenderem um com o outro, era uma aprendizagem ao vivo, tudo era como uma escola. posto isto, Bâ (2003) alega que “nas primaveras costumavam ir à noite a Kérétel para assistir os entretenimentos de lutadores, escutar os *griots* musicais, ouvir contos, epopeias e poemas” (p. 174).

Analisamos também que, antes da chegada dos colonizadores na África, havias pessoas consideradas como grandes mestres das palavras, que eram sábios africanos que memorizavam tudo, se alguém da comunidade estivesse doente, essas pessoas eram os que ajudavam analisar a situação em que se encontra a doença do paciente, por outro lado, analisavam a origem da doença do paciente e depois faziam os curativos baseados nos tradicionais. Na época havia diferentes deuses, como a África não é um país, podemos perceber também que não existia uma única cultura, pois, cada povo tinha e tem os seus costumes, as suas culturas, e valores diferentes de que dos outros, também, existe diversas etnias e culturas, cada etnia tinha e tem a sua própria cultura e língua diferente, um africano na sua maioria, pode ter uma, duas, três, ou até quatro diferentes línguas, por isso que entre os áfricos, mesmo no mesmo país, existe diferentes línguas, e culturas. Toda via, isso também existe exatamente na Guiné-Bissau, há várias etnias, várias línguas, vários deuses, dentre a cultura comum, existem diferentes culturas entre etnias.

Na Guiné-Bissau, os muçulmanos usam um instrumento que se chama tabalde¹³, esse instrumento se usa nas sextas-feiras para alertar os fiéis muçulmanos da hora de reza de sexta-feira, nos cerimoniais festivais de fiéis muçulmanos, como a reza de Tabasky¹⁴, pelo contrário,

¹³ Instrumento usado para comunicação entre os fiéis muçulmanos.

¹⁴ É uma festa muçulmana que obriga, quem tiver condições entre muçulmanos, a sacrificar gado (carneiro, por exemplo).

quando isso acontece fora destes dias, significa que aconteceu um desgosto de grande homem, na comunidade, ou seja, perda de um grande homem na comunidade.

Percebemos que, não faz sentido dizer que a África não tinha história, só pelo fato não existia a escrita para registrar a sua história, é não há razão de afirmar que a África não tem um passado por falta da escrita, quando verificamos bem sobre essa afirmação, notarmos que antigamente mesmo que não havia a escola, mas passavam os conhecimentos de geração para geração, organizando encontros presenciais, passavam as explicações para os jovens com a finalidade de aprenderem com os seus mais velhos, tudo o que passavam, apreendiam de forma viva com facilidade, com isso, decoravam de uma forma muito consistente e seguro. Comparando com a situação mais remota na Guiné-Bissau, até no momento presente, percebemos que também existia e existe até agora muitas etnias no país, cada etnia com o seu costume, a sua cultura, a sua crença, e seus rituais. Só para notar que, na etnia balanta, se usa o instrumento que se chama *bumbulum*¹⁵, para se comunicarem quando acontece algo que merece a ser informado para comunidade, resolvem usá-lo para comunicar, contudo, mal se comunicam, todos e todas que ouvem a informação, saiam a procura do local, e vão até o local para tentarem saber sobre alegado feito. Portanto, percebemos que essa prática foi aprendida de geração para geração que perdurou até o dia de hoje.

Também na etnia fula existe costumes rituais bem diferentes com os demais etnias na Guiné-Bissau, por exemplo, o povo tem o seu costume ritual que se chama *timinagol*¹⁶, aquele que tenta descobrir o que vai acontecer na vida de um indivíduo futuramente, a pessoa que faz esse tipo de atividade ritual se chama *tcherno*, que significa em português (o sábio), muitas das vezes este tipo ritual acontece quando alguém está preocupado sobre da sua vida futura, que ainda não sabe o que irá acontecer depois, neste sentido, a pessoa resolve procurar o *tcherno*¹⁷, a fim de lhe pagar um preço razoável para lhe verificar o que vai acontecer na sua vida depois, se mais tarde terá sorte na vida, ou se terá mais problemas, para que puder posicionar e se defender, aliás, se posicionar antecipadamente para se proteger.

Esse tipo de ato imaginário popular se existe em cada etnia africana, e na Guiné-Bissau também isso é muito frequente em cada grupo étnico. Afinal, existe histórias no povo africano, as culturas, as literaturas africanas em cada país, em cada comunidade, em cada grupo étnico,

¹⁵ Instrumento de comunicação de algumas etnias guineenses, como caso de etnia balanta e papeis.

¹⁶ De origem fula (tentando palpitar as consequências e sortes vindouros).

¹⁷ É uma indivíduo sábio que se explica para as pessoas sobre sua vida pessoal, futuramente, o que poderá acontecer com ele.

mesmo que não existia a escrita, isso também existe na Guiné-Bissau. Por outro lado, podemos averiguar isso mais uma vez na obra de Bâ, através de lembrança das palavras de seu mestre Tierno Bokar: “A escrita é uma coisa, e o saber, é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo aquilo que os ancestrais pudessem conhecer e que existe potencial em seus ensinamentos” (Bâ, 2003, p. 175).

Quando alguém está doente, neste caso, indivíduo vai procura um tcherno ou um djambacus¹⁸ para lhe defender de malfeitores, também no costume ritual sempre há pessoas que podem fazer os curativos, e fazem proteção para clientelas de pessoas consideradas que são bruxas na comunidade, ou seja, protejam os de demónios que estão atrás deles, por exemplo, os indivíduos que fazem o ato de canibalismo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, analisamos *corpus* das obras, e procuramos ir além de olhares previstos nos livros e nos textos lidos, não só, mas também procuramos saber de diferentes valores culturais, com isso, para que os autores pudessem dialogar, assim, para que pudemos pensar e propor o nosso olhar sobre o referido tema. As nossas ideias não são definitivas neste trabalho, por essa razão, estamos prontos para receber demais contribuições ao respeito do mesmo, sejam quais forem as contribuições, isso nos ajudará enriquecer e para que pudermos continuar e dando no máximo para melhorarmos e para lutarmos pela defesa dos valores culturais guineenses, para o equilíbrio que deveria ser uma prioridade nas escolas públicas, por outro lado, prevalecer as culturas na educação guineenses.

Portanto, queríamos concluir dizendo que, a questão da educação na Guiné-Bissau, é um problema a sério que deveria ser resolvido urgentemente, para que os cidadãos guineenses possam gozar os seus direitos da cidadania, também percebemos que o atraso existente na educação, é muito gigante, por esse motivo, muitos estudantes optam por desistirem de estudar por causa de tempo perdido, porque costumam ficar muitos tempos sem estudar, principalmente os filhos de pobres que nem se quer foram dadas oportunidades de estudar pelo menos até o 12º ano sem interrupção. Mas, como não têm esse privilégio de estudar nas escolas públicas quanto

¹⁸ O proprietário de um lugar sagrado no qual a pessoa pode pedir deuses, ou seja, orixás para curar um doente ou impedir para que o demónio lhe fazer mal.

mais estudar nas escolas privadas de Guiné-Bissau, por esse motivo, façam a escolha de desistir de estudar e procuram o emprego.

Graças a Deus ao Brasil, a Unilab surgiu por esse meio para salvaguardar os filhos de pobres que sempre sonham para estudar nas boas universidades, percebemos também que essa Universidade tem formado muitas pessoas que não tinham o privilégio de estudar nas universidades, neste caso, a Unilab foi muito generosa com a finalidade de ajudar os países aliados, aliás, cooperar com os países de CPLP (Comunidade dos países de língua portuguesa), por isso, percebemos que a Unilab está contribuindo bastante na informação docência, pessoas Literárias, e muito mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Tradução Vera Ribeiro. Revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BÂ, Amadio Hampâté: **Amkoullel: o menino fula**. Tradução Xina Smith de Vasconcelhos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

SILA, Abdulai. **A última tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SILLA, Abdulai. **Memórias SOMânticas**. Bissau: Kusimon, 2016.

COSTA, Tony. **Ntin: Somos o que fizemos de nós**. Lisboa: Chiado Editorial, 2014.

OLIVEIRA, M. R. & SANI, Q. Educação superior e desenvolvimento na Guiné-Bissau: contribuições, limites e desafios. In.: **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.16, n.33, jul./dez. 2014, p. 127 – 152.

COUTO e EMBALÓ. Literatura, Língua E Cultura Na Guiné-Bissau. In. **Papia. Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**. N. 20, Brasília: Ed. Tresaurus/ UnB, 2010.

INDJALÁ, Samuel. **Sistema Educacional E Formação De Professores Na Guiné-Bissau**. UNIMEP. Disponível em <https://sigeve.ead.unesp.br/index.php/submission/downloadFileProceedings/2149>, acesso em 21/07/2021.